

GABRIEL BASTOS

ABORÍGENES

PAN-AMERICANOS



1950

Of. Gráficas da Liv. Nacional
Av. Brasil, 533 — P. Fundo

Gabriel Bastos

Aborígenes Pan Americanos



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2013

Gabriel Bastos

Aborígenes Pan Americanos

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, história. -Passo Fundo: Liv. Nacional, 1950. 36p.; 21cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-CompartilhaQual 3.0 Nao Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 30/07/2013

B327a Bastos, Gabriel

Aborígenes pan-americanos [recurso eletrônico] / Gabriel Bastos. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2013.
E-book (formato PDF).
ISBN 978-85-8326-023-3

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. História antiga. 2. Atlântida (Lugar lendário).
3. Continentes desaparecidos. I. Título.

CDU: 931

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sob este título, acaba de ser elaborado pelo venerando estudioso que é o Sr. Gabriel Bastos, um outro trabalho em torno do desaparecido continente sobre o qual, recentemente, houver já ele escrito e publicado outro.

Lendo eu o novo estudo em referência, verifiquei que encerra notável esforço de investigação. Colocada em terreno dedutivo, o que não poderia ser doutro modo si, do seu tema, o que há em História é o pouco e vago da notícia, dada por Plínio, o Antigo, de que além das colunas de Hércules pairava uma grande ilha.

Não obstante isso, o Sr. Gabriel Bastos, com a erudição e tenacidade que lhe são peculiares, desdobrou a matéria com brilhantismo, lançando hipóteses que si não se apoiam em provas diretas, entretanto, como deduções, se apresentam verosímeis e poderão, de algum modo, subsidiar o estudo de tão nebuloso quão importante problema científico.

Tal a minha primeira impressão, colhida em rápida leitura do seu meritório labor, ainda incompleto nos originais que me vieram e o qual almejo publicidade colhida com o carinho de que é merecedor pela sua profundidade.

Passo Fundo, 12/02/50

F. Antonino H. e Oliveira.

A FEIÇÃO DE PRÓLOGO

Publicando este livro, quero dar mais amplitude e publicidade a assuntos que, de algum modo se prendem ao livro que publiquei em 1948 denominado “A Atlântida”, no qual procurei provar que a América, em toda a sua extensão, foi fragmento do grande continente que teria sido a primeira Terra que recebeu do Sol o influxo criador, tendo, por isso, a primazia na emersão ou antes no aparecimento sobre as águas. Aparecimento e não emersão, pois atribuo o surgir, ao movimento espirálico de 25976 anos, porque esse movimento deve ir deslocando as águas e transformando assim o panorama da superfície da Terra.

Ora, essa primeira Terra que denominamos Atlântida, para acompanharmos a denominação dada por velhos sábios e escritores que erradamente localizaram esse continente ao ocidente das Colunas de Hercules no oceano Atlântico, essa primeira Terra, como supomos, foi a primeira exposta á luz, em consequência desse movimento espirálico que, naturalmente, vai transmudando o panorama da superfície da Terr. Essa primeira Terra teria estado única na superfície durante muito tempo, atendendo a morosidade desse movimento, inatingível ao conhecimento do homem.

Como pensamos, o globo terrestre constitui-se de uma esfera rugosa – fragmento do Sol que a atirou no Espaço depois de Mercúrio e Marte primeiros frutos do Grande Centro de nosso sistema planetário.

A Terra foi o terceiro atirado na amplidão.

Emergir é verbo empregado por todos os que escrevem ou falam sobre a Criação; mas, nós pensamos de modo diverso, conforme cima expusemos, pois, estamos convencidos de que os continentes não emergiram, como sábios e escritores afirmam. Os continentes não se desprenderam do bloco terrestre ao aparecerem na superfície, pois, o bloco terrestre é urso, indivisível como foi atirado pelo Sol, constituindo Planeta depois do lapso de tempo necessário à sua solidificação. A T

erra, pois, não se fragmenta a não ser pela fatalidade de alguma catástrofe geológica ou pela ação de alguma bomba atômica que a esfacle. Fora disto, a Terra não se fragmentará, e quando flutua qualquer porção dela pela ação do Tempo ou por qualquer catástrofe, essas partes que se dispersam, voltam a seu seio.

O Panorama da superfície da Terra se vai transmudando segundo a marcha espirálica de seu ciclo de 25976 anos.

Sumário

A FEIÇÃO DE PRÓLOGO	9
Introdução	13
PRIMEIRA PARTE	15

Introdução

Aborígenes Pan-americanos

Desde velhos tempos, sábios e escritores vêm fazendo largas dissertações sobre a existência dessas multimilenária lenda que, desde remotas Eras atrás a denominação de Atlântida.

Para nós, a lenda desapareceu concretizando-se na Oceania e nesta grande parcel que é a América, única Terra que tem o privilégio de procurar o abraço fraterno, estendendo-se do extremo norte ao extremo sul, como enviando seus sentimentos de concórdia ao hemisfério oposto.

A Atlântida, embora emersa no Pacífico, teria sido assim denominada, porque prevaleceria o nome que lhe teriam dado, em velhos tempos, os adeptos de sua existência no ocidente próximo às Colunas de Hercules, então e antes, conhecidas pela denominação – Atlas. Daí – Atlantes e logo – Atlântida. Entretanto o seu nascedouro, estamos convencidos, teria sido ao oriente da África e sul da Ásia, onde se acha o oceano Indico, ao sul da Índia; e naturalmente por isso, já em época histórica certamente, a esse oceano deram a denominação atual de Indico.

Conquanto as Terras que constituem a Austrália, arquipélagos e ilhas do Pacífico procedam, como a América do mesmo continente disperso- Atlântida, - neste livro preocupar-nos-emos dos aborígenes pan-americanos e de assuntos correlatos. Destes, pois, procuraremos pôr à luz as relações de parentesco entre si, sua procedência e desenvolvimento em terra ameríndias que são as suas próprias terras, onde os seus ancestrais vieram em catástrofe do sul da Ásia, trazidos no próprio solo nativo, sacudidos por onde revoltas.

Este livro a que demos o título de “Aborígenes Pan-americanos”, elaboraremos em duas partes sob os títulos: “Generalidades Etnológicas”

e “Particularidades Etnológicas”. – Na Primeira Parte, trataremos de assuntos relacionados com o Continente em geral, e na Segunda Parte, restringir-nos-emos aos casos especiais de cada País irmão, isto é, do mesmo Continente.

Conquanto estejamos convencidos de que toda a Oceania procede d mesma fonte – a Atlântida cuja atual mentalidade irmana seus Povos nos mesmos sentimentos de reciproca fraternidade. Embora isso, visto que o plano deste livro é concorrer para a confraternização continental, é de nossa ideologia – a Paz Universal – solidariedade humana que deve ser o excelso ideal de toda a criatura que escreve e o propague, até ser esse predicado parte integrante dos sentimentos de todo o homem que pensa.

A Confraternização Universal deve ser concretizada em seguida ao estabelecimento da concórdia integral dos grupos humanos (nações) que vão fazendo desaparecer s ligeiras divergências que ainda embaraçam a completa harmonia entre os povos.

A Humanidade convencer-se-á de que a Concórdia absoluta, a Paz Universal são o Bem que sobre-excede a quaisquer outros interesses. E’ isto ideal velhíssimo, ao qual já me referi em meu livro “A Atlântida”.

Em os “Mistérios do Povo” velho livro de Eugene Sue, uma personagem – Vitória Soldado – que combatia contra Julio Cesar, na conquista da Gália, proclamava, já naquele tempo a República Universal, que é facsimile da Paz absoluta.

Informados os leitores, de que consideramos os aborígenes pan-americanos, procedentes da Atlântida, salientamos que as populações primitivas da América ou seus sucessores, serão o principal assunto deste livro.

PRIMEIRA PARTE

GENERALIDADES ETNOLÓGICAS

Toltecas, Astecas, Incas, Maias

As denominações de – Toltecas, Astecas, Incas e Maias, será afastadas sucedâneas de seus antepassados da derrocada Atlântida, pois, da época da catástrofe ao tempo de existência destes indígenas devem ter decorrido largos milênios. Não se pode pensar de outro modo atendendo a que, para um povo civilizado como seriam os atlântidos, segundo o que a arqueologia demonstra com a descoberta de monumentos em toda a América, para um povo assim civilizado voltar ao estado de cultura em que estavam os nossos selvagens no século XV, seriam precisos séculos e séculos de abandono. E foi o que sofreram os atlântidos com a grande revolução geológica que os atirou, com o próprio solo, a outras paragens.

Entretanto, antecessores de Toltecas e de Astecaz, como outros que caíram em latitude benigna, foram mais felizes que os Maias, aos quais teria tocado a má sorte de virem em zona que ter-se-ia firmado nas proximidades do pólo norte, donde, pela gélida temperatura, foram obrigados a virem, por etapas, procurando o sul e, sempre em descenso, diminuindo-se em número, em civilização, em costumes, até que, quando `s bordas do mar das Antilhas, já Toltecas e Astecas teriam supremacia, agravando-se a situação Maia com os próprios dissídios.

A descida dos Maias para sul em busca de melhor temperatura, seria por migrações constantes, o que lhes teria prejudicado o desenvolvimento e provocaria a multiplicidade de dissídios que os iriam enfraquecendo pelas constantes lutas internas. Deste modo, quando tivessem atingido Yucatan onde se estabeleceram e, parece,

subordinaram-se a Astecas e Incas que encontraram já com o domínio do Peru, os Incas; e do México, os Astecas.

Os Maias, em suas migrações do norte para sul, ter-se-iam espalhado pelo nordeste e noroeste dos Estados Unidos, e nordeste e norte do México, com prejuízo de sua unidade, e assim foram sendo absorvidos por Toltecas primeiro e depois por Astecas. De seu maior grupo já em Yucatan, Honduras e proximidades, teriam, dissidentes subornados por Cortés, traído seus compatriotas. Pagaram caro a traição, pois, dentro de pouco tempo desapareceram.

Os Maias, antes do século XV, já não estariam ocupando vasto território, assim sua população não seria numerosa, pois, limitada ao Yucatan e proximidades ao sul da América do Norte, isto antes da conquista aproximadamente, quando México e Peru já tinham notável significação geográfica, vasta população grande parte civilizada, sobrepujando aos Maias então decadentes. Os Toltecas, entretanto, já eram em declínio quando Cortés começou a devastação do México, com o concurso de íncolas divergentes, possivelmente – Maias e Toltecas.

Os Maias que também haviam ocupado o noroeste da América do Norte e nordeste do México, seriam, na época da conquista, já sem significação cultural, nem geográfica, limitados pelas constantes migrações de norte a sul. Embora com civilização antes apreciável, acompanhavam povos em decadência e, possivelmente, em consequência do meio que lhes seria hostil pela fatalidade da catástrofe que atiraria seu **habitat** na Atlântida, para oriente norte, quando antes da debandada seria em zona tropical, pois, a Atlântida, cremos, estaria sob o trópico de Capricórnio.

A penosa posição contrária a de sua procedência, os teria obrigado a procurar melhor clima, e o terão feito por etapas em direção ao sul, habituando-se assim à instabilidade de situação. Deste modo, depois de longo tempo e numerosas migrações, chegariam a Yucatan já diminuídos e com falta de coesão, e daí sua decadência e absorção por Toltecas no princípio e por Astecas depois.

Achamos, entretanto, fora do normal, terem os Maias mantidos sua denominação por tanto tempo, ao contrário do que sucedeu com outros grupos étnicos.

Esta anomalia procederia do isolamento talvez consequência de circunstâncias desconhecidas que os teriam separado de outras tribos, às quais se aproximariam mais tarde quando se tivessem estabilizado em Yucatan, para daí serem absolvidos por Astecas e, provavelmente também por Incas, ambos já notáveis no princípio de sua extinção pelos bárbaros Pizarro e Cortés.

Quando na Atlântida, antes da catástrofe denominação seria – Omagoa – possivelmente antecessora de Maia, na América e de mongóes, na Ásia.

Não se pode estranhar que asiáticos e seus irmãos americanos, depois da grande debandada, ficassem sem contato por dezenas de séculos, pois, os primeiros navegantes que teriam chegado à América, seriam Fenícios que palmilhariam estas terras, pouco menos de mil anos antes de Cristo, quando Salomão construía o grande Templo de Jerusalém.

Além dos Fenícios a história não aponta senão incertos Etruscos e outros, dos quais escritores não afirmam a presença nas paragens americanas.

Quando os cruéis Pizarro e Cortés começaram suas destruições sobre México e Peru, os Incas, como os Astecas já tinham seus Impérios em larga prosperidade e adiantada civilização, pois, sua duração já era de cerca de quatrocentos anos, e já haviam começado a congregar seus compatriotas dispersos que a derrocada Atlântida atirára à vastidão das matas americanas e, por isso, reduzidos ao barbarismo.

Como Pizarro no Peru, Cortés procedeu no México, isto é, com os mais ferozes requintes de crueldade.

Nesses bárbaros atentados, os Maias, como outros indígenas em dissídio terão prestado aos invasores, o concurso de sua traição às

compatriotas. Deram assim força aos invasores para a prática das desumanas crueldades que Cortés e Pizarro praticaram no México e no Peru.

Mais que quaisquer outras tribos, os Maias pelo espírito dissídios o que os dividia, teriam prestado adesão aos invasores.

Quando em prática essa feroz perseguição, Incas e Astecas eram os mais operosos organizadores dos indígenas americanos, nos Impérios do Peru e do México.

O injustificável procedimento dos espanhóis, anulou toda a humana ação dos Incas e dos Astecas, dispersando a ferro e fogo, populações que já haviam voltado à civilização que se ia difundindo desde a fundação do Império Incaico em 1118.

A situação dos Maias em Yucatan, e vizinhanças, coincidiu reunir ou antes aproximar as três circunscrições atlântidas de melhor cultura, conquanto os Maias, já decadentes não só por suas numerosas migrações como por seu espírito dissidioso.

Creemos que o idioma atlântico tenha sido omagoa, denominação que os náufragos teriam trazido e do qual, depois de séculos ou milênios sem história, na penumbra, em meio precário, surgiria o dialeto Maia que ainda seria encontrado pelos conquistadores, já em limitado território, isto depois de transformações que o tempo, a mesologia e decorrentes costumes imporiam, tendo daí surgido o tupi-guarani, fonte de todos os dialetos disseminados como idiomas na vasta América.

Das muitas e diversas modificações que o tempo e os costumes impõem, ter-se-iam multiplicado na América, as denominações gentílicas, mesmo antes das conquistas e, Toltecas, Astecas e Incas estariam em vigência predominando nos grandes Centros do Peru e do México que, de longo tempo, vinham no afan de reunir seus dispersos compatriotas.

Quanto à multidão de dialetos e grupos étnicos espalhados por toda a América, já dissemos o que pensamos de real, aqui e alhures.

Da Atlântida, continente de vasta população e largo território, a língua **omágoa** teria vindo viciada de diferenciações notáveis, de circunscrição a circunscrição, desde largos tempos.

Assim eivada, a língua teria acompanhado as populações que o bloco americano carregou consigo e que, depois de longo tempo, limitado número teria mantido ligeiros princípios; e a grande maioria, e o isolamento em que teriam ficado, espalhados em vastas selvas, e foi barbarizando, dispersando, destruindo.

As demonstrações de civilização e de ocupação de larguíssima extensão do território atlântico, demonstram que a população do continente disperso, era já de grande vulto, tanto que, deixou no norte e oriente da África, costas do mediterrâneo, Ásia Menor e sul da China inclusive Índia, populações densas e há largos anos no seio da civilização.

Da grande catástrofe, a mais pavorosa que tenha sofrido o Planeta com o desaparecimento d maior parte da vasta população, ocorreu o colapso da civilização então já largamente difundida.

Certamente alta a civilização Atlântida, como demonstram monumentos em larga cópia descobertos por insignes arqueólogos, foi vastamente destruída pela ocorrência do penoso cataclismo. E depois já América, nessa América acentuou-se pela dispersão das populações salvas, mas, dispersas pelo pavoroso acontecimento. Aqui a ali espalhadas, abandonaram-se ao estado selvagem, onde os descobridores, muitos séculos depois, os encontraram em todo o continente, em agrupamentos estranhos aos costumes de seus antepassados, conquanto no Peru e no México, possivelmente atingidos com menor violência destruidora, salvar-se-iam elementos de cultura apreciável. Os Maias, então já em decadência pelas constantes migrações e dissídios, haviam perdido sua importância étnica, como declinára sua civilização e prestígio.

Vigoroso no seu tempo da conquista, o Império Incaico demonstrou seu alto grau de cultura, em que os sentimentos de fraternidade constituíam elemento primacial, na orientação de suas leis e costumes.

Essa civilização ressurgida cerca de milênios depois da grande catástrofe e já com quatrocentos anos de existência, foi destruída pela ferocidade de Pizarro e de Cortés.

Mais tarde, demonstrando a grandeza da civilização Atlântida, a arqueologia tem descoberto admiráveis monumentos fósseis de toda espécie, vindos dos tempos áureos do lendário continente; pois, a incipiente civilização incaica, embora admirável, pouca podia deixar de notável em arqueologia: Civilização ressurgida da psicologia indígena com, apenas quatrocentos anos, não teria atingido adiantamento mais que vulgar, mas, admirável pela época e pelo meio.

Os frutos da arqueologia americana serão demonstrações, não da civilização ameríndia, mas, remanescentes da civilização Atlântida, conseqüente dos numerosos séculos de duração até a grande catástrofe.

O que a arqueologia tem de notável, pode concorrer para o conhecimento da civilização anterior, pré-histórica: Todos esses monumentos, todas essas demonstrações de cultura, de vida e de progresso que encontraram, encontram e encontrarão sob e sobre a terra americana, são, sem provável contestação – prova material de alta civilização Atlântida, de que a América é fragmento.

Quanto à etnologia, todos os seus representantes que se salvaram em quaisquer parte da Oceania ou da América, tiveram a decorrência de diversos milhares de anos que bastaram para o desaparecimento absoluto da civilização que, só pela arqueologia será conhecida.

Os remanescentes da Atlântida, dispersos, sem contato com outros povos, caíram no barbarismo.

Naturalmente, com o correr dos milênios, com o desenvolvimento de seus aglomerados étnicos, se foram desenvolvendo até a civilização em que foram encontrados por exploradores, inspirados pelo espírito psicológico da raça ou pela demonstração material de monumentos que inspirariam nos descendentes, a visão da civilização que milênios de abandono adormeceram.

Os núcleos mais desenvolvidos do México e do Peru, principalmente Incas, talvez por se terem salvado em maior número, poder-se-iam, por circunstâncias desconhecidas ou pelo concurso a que nos referimos a “A Atlântida” (livro já referido), poder-se-iam desenvolver e chegar à notável civilização que a ferocidade dos conquistadores espanhóis destruíram.

Os Astecas, e os Incas principalmente, depois da organização do Império Incaico em 1118, procuraram congregar seus compatriotas que a fatalidade havia atirado, dispersos, às serras bravias, os quais, embora com razão esquivos, mas, sem instintos hostís, eram suscetíveis de aproximação.

Esse patriótico e fraternal trabalho do governo incaico, estava produzindo apreciável resultado, tendo sido já promissor o número de tribos esquivas, subordinadas ao governo incaico, quando começou a invasão dos ferozes conquistadores. Disto ocorreu o abandono do fraternal trabalho de reunir seus compatriotas.

A nefanda violenta ação dos invasores fez cessar o processo civilizador e, Incas e Astecas começaram sofrer a destruidora atuação dos bárbaros – Pizarro, Cortés e seus sectários que, para garantirem a vitória sobre os governos – incaico no Peru e Asteca no México, aproveitaram-se de dissídios entre os indígenas atraindo os dissidentes. Entretanto, Incas e Astecas acolhiam amistosamente esses alienígenas que hipocritamente correspondiam esse afetuoso trato para melhor traí-los, roubá-los, martiriza-los.

Milênios passados depois da derrocada Atlântida, já teriam reduzido a dialetos a língua que seus predecessores houvessem trazido da Terra-mãe.

Havia, pois, multidão de dialetos, porque a dispersão dos sobreviventes da Atlântida seria vasta e em grupos, ora limitados, ora numerosos, afastados entre si, por efeito da grande catástrofe, como da grande extensão do continente.

Esses dialetos, pelo espaço e pelo tempo, teriam perdido grande soma de suas afinidades étnicas, parecendo, ante conquistadores e viajantes, línguas diversas.

Em tupi, maia significa – mãe, antepassado, o mais velhos pois; ou terá sido de omágoa língua que teria predominado na Atlântida antes da catástrofe; pensando em onomatopeia pode de omágoa ter advindo – maia.

A origem racial e idiomática dos Maias, não diferirá da de seus vizinhos, senão por imposição mesológica. Centro, uns e outros indígenas americanos, conservariam visíveis demonstrações de igual procedência.

Os primeiros, dispersos pela vasta extensão americana, por muito tempo mostrariam semelhanças de costumes e d dialetos da raça. Justifica-se isto, pelo mounds e pela cerâmica semelhantes em larga zona da América do Norte, em diferentes grupos, certamente da mesma procedência.

Não nos entendemos quanto a civilização porque pensamos, da Civilização e Costumes – elaborar trabalho a parte.

Entre os aborígenes em geral, a semelhança de costumes e de expressão verbal, seriam patentes. Já temos acentuado que disposições naturais das criaturas, embora o tempo lhes vá diminuindo o quid de procedência, certo predicados não se eliminam por completo: A denúncia da procedência sempre fica mais ou menos sensível, quer em linguagem quer em costumes, principalmente raciais: Transformam-se mas deixam traços que denunciam a origem.

Os Maias, contemporâneos de Astecas e de Incas pertenceriam à mesma linhagem destes, como os antepassados. Julgo da mesma linhagem todos os indígenas americanos, desde a Terra do Fogo até o extremo norte. Haveria entre eles diferenciações dialetais mais ou menos profundas, conforme a distância que os separassem e decorrente da mesologia, costumes e isolamento.

Em relação à procedência da população ameríndia estamos com Dario Velloso, em seu belo poema “Atlântida”:

- As tradições ressaltam da penumbra;
- De modelos Etruscos e Toltecas;
- A mesma fonte química ressumbra;
- Da Atlântida remota a mesma raça
- A estranhos povos os modelos traça.

O notável escritor e poeta, irmanou aos predecessores étnicos americanos – Etruscos e Caldeus que, como Fenícios procedem da Atlântida.

Como de Fenícios, não aparecem na América traços de Etruscos, nem de Caldeus, embora estes como àqueles tivessem pamilhado terras americanas, isto, porque uns outros foram d mesma origem e, portanto, não podiam denunciar notáveis diferenças étnicas.

Em pesquisa da procedência do vocábulo maia, a luz sobre a existência destes aborígenes se vai dilatando como o tempo – indefinidamente. A sua última posição entre o México e o Peru, leva-nos a pensar que os Maias na Atlântida constituíam um dos grandes Centros de cultura, provavelmente sobre outra denominação. Em consequência disso, as terras próximas iriam recebendo o influxo que ir-se-ia estendendo para ocidente e norte atingindo a Ásia Menor, Índia, China e Egito, isto em seu tempo áureo, antes da catástrofe. Depois... depois a Fatalidade ruíu-lhe toda a grandeza e a hecatombe fragmentou-a.

- Quais os antecessores dos Maias na América? – Não nos parece que os Maias tivessem outra denominação na América, além da que os distinguiu de todos os outros grupos étnicos americanos. Seriam, entretanto, os Maias, o mais numeroso grupo dos salvos da penosa

hecatombe, mantendo sua denominação até extinguir-se. Continuação da Atlântida, manteriam unidade de seu conjunto, sem contato com estranhos, embora com atritos internos, destruindo-se mutuamente, o que justifica seu limitado volume quando se estabilizaram em Yucatan. De grandes feras manifestaram qualidades, mas, isto foi corrente entre os bárbaros, como inda hoje entre pseudos civilizados.

Enquanto Astecas no México e Incas no Peru, congregavam compatriotas dispersos, os Maias se dilaceravam em Yucatan. Entretanto, pseudos civilizados, os Maias foram inquietos e ferozes. Instáveis antes de Yucatan, perenemente perambulantes até ali estacionaram e onde, depois, se foram dizimando. Vieram numerosos, mas belicosos entre si. Atritos internos concorreram para o seu desaparecimento.

Historiadores há que atribuem aos ameríndios Maias, civilização ultra superior aos demais indígenas. Não acreditamos nessa alta civilização Maia tão elogiosamente citada, pois, quanto à ferocidade no cumprimento de ritos, pareciam ultra bestificados e ferozes, pois, praticavam seus ritos subordinando-os à inaudita malvadez: Eram ferozmente severas suas praticas rituais, o que tirava-lhes o predicado de mais civilizados que seus irmãos de infortúnio.

Historiadores os enfeitam com penas de pavão, porque lhes atribuíram criações que acidentalmente foram encontradas em zonas de sua ocupação, criações que seriam demonstrações da civilização Atlântida que pudesse ter vindo salva da derrocada.

Indígenas com a fereza dos Maias e iguais na prática de ritos inomináveis, não teriam oportunidade de descobrir, como astrônomos, possibilidades de inventarem calendários e outras admiráveis descobertas que lhes atribuem. Isso que por toda a América há de notável, é fruto da civilização Atlântida em seu período de esplendor antes da catástrofe.

Os indígenas em geral, quanto a rito e suas práticas, manifestaram sentimentos de ferocidade inacreditável, no que se salientaram os Maias. Mas, isto, certamente depois de milênios de barbarismo, quando já perdido

todo o sentimento de humanidade e dominados pelo influxo de bárbaros ritos.

Essa estranha falta de sentimentos nobres entre bárbaros ameríndios, são doloroso testemunho da ancianidade da derrocada Atlântida, pois, só larguíssima ausência de costumes civilizados poderia transformar radicalmente, sentimentos nobre em predicados de feras.

Isto comprova a larga ancianidade da penosa derrocada que dispersou a Atlântida – primeira Terra ao sol e única que por mais de um ciclo de 25976 anos tenha estado a luz.

E encerramos aqui a Primeira Parte deste livro.

PARTICULARIDADES ETNOLÓGICAS

Na América do Norte, em a extensa planície que se estende do Atlântico ao grande rio Mississipi, nada havia sobre monumentos ou interessantes manifestações de cultura. Parece que os indígenas ali passaram de largo ou sem estagiarem por largo tempo, pois, que demonstrem sua presença, só há naquela zona, de notável – mounds... mounds... e nada mais que denuncie velha cultura, mesmo medíocre. Os aborígenes terão passado por ali à toque de caixa.

Nessa extensa planície, certamente interessante pela extensão entre o grande rio e o oceano, só havia denotando a presença de indígenas – mounds... mounds espalhados largamente pelo sueste dos Estados Unidos, em abundância de várias formas – Terras amontoadas sem estética. São os únicos monumentos pré-históricos que lá havia. Outra ordem de demonstração de cultura, não havia naquela extensa planície.

Mounds, só mounds dispersos, principalmente nas zonas ligadas às costas do oceano Atlântico até, possivelmente, aos gelos árticos, norte e noroeste do México, porém à distância. Ali terão perambulado os inquietos Maias que, provavelmente, acossados pelo frio ártico, onde a fatalidade os tivesse atirado, procurariam, por etapas, a benignidade climática do sul para onde vinham, deixando em suas breves estadias – mounds... mounds pelo norte e noroeste.

Nessa penosa instabilidade, deixando mounds em toda parte, atingiram Yucatan e proximidades, onde ficaram até desaparecerem, absorvidos por Incas e Astecas. Parece que nos Estados Unidos do Norte, da zona atlântica até o alto noroeste, os Maias perambularam sem estabilidade, para serem absorvidos pelos senhores da zona – Toltecas e Astecas, àqueles já em declínio.

Entre os indígenas a cultura, conquanto proclamada por alguns escritores, era negativa no geral.

A não ser nos últimos tempos, entre Incas e Astecas já entrados no regime da fraternidade, agrupamentos dispersos mantinham práticas e sentimentos de bárbaros de última espécie; sentimentos de que o homem civilizado possa saturar-se, só com largos milênios de ausência da civilização. É o que se deu.

Da civilização à barbaria ultra feroz, como foi a de nossos indígenas, só poderão cair depois de largos milênios de ausência de sentimentos nobres.

O barbarismo na América, procedente de povos civilizados, só podia deturpar os sentimentos humanos pelo integral abandono da civilização por longo tempo. Seria o que ter-se-ia dado com os atlântidos, cuja deplorável catástrofe atirou seus povos ao abandono por dez a quinze mil anos, seguramente.

Daí a barbaria inominável que dominou a América conquanto, já antes da cruel invasão de povos civilizados que penetraram na América, espalhando o terror, praticando atentados ultra bárbaros contra aborígenes

que, já antes da cruel invasão haviam penetrado em ambiente de fraternidade e civilização.

A regressão dos povos americanos voltando apavorados aos sertões bravios, é devida à péssima escolha dos mandatários do governo espanhol enviando feras do jaez do Cortés e Pizarro para conquista a América.

Entre esses indígenas a cultura, apesar de proclamada, era relativa, mas promissora para Incas e Astecas: Nem podia ser melhor entre aborígenes milênios abandonados à triste sorte de párias sem destino.

Os Maias, na Atlântida florescente sob-regime de franca civilização, depois da debacle do continente, estariam, no tempo da conquista, em precariedade penoso, decadentes, civilização negativa, costumes bárbaros, consequentes de longos milênios de abandono. Os Maias, então desapareceram.

Historiadores atribuem os Maias civilização superior a de seus companheiros de infortúnio.

Somos avessos a essa opinião: No tempo da conquista (século XV), não pequeno número de séculos ter-se-iam escoado na ampulheta do tempo, quando a América caiu sob os olhares ávidos dos conquistadores que, pressurosos, a invadiram. Invadiram, não para lhe dar Paz, Fraternidade, Civilização, mas, providos de sentimentos egoísticos, com o fim único de açambarcarem riquezas, pondo em evidência – ferocidade tigrina, matando, roubando, destruindo por processos ultra bárbaros, sobrepujando em violência, aos mais ferozes indígenas.

No México – norte, nordeste e sueste, perambularam antecessores de Toltecas, centralizando-se, nos últimos tempos, nessas costas do Pacífico onde proliferaram dominando vasta zona, sempre em luta com compatriotas remissos – divergências que concorreram para a vitória dos conquistadores, porque, em grande número os desviados se agregaram aos soldados de Cortés naqueles paragens.

Os indígenas da América do Norte, aos quais já fizemos referência, são ramos do mesmo tronco: Atlântidos, pouco diferindo em ferocidades e costumes subordinados à mesologia.

Na zona aludida, quanto a monumentos, há em abundância – mounds, e só; pelo menos é o que temos visto em alguns autores. Fora disto, o que fomos desvendando de apreciável daremos à luz.

Como em toda a América do Sul, haverá no Norte, belas provas de civilização Atlântida, visto que, continente superlotado, as demonstrações de cultura serão abundantes em toda parte, naturalmente em larga porção de fósseis, pois, primeira terra bafejada pelo sol e que por numerosos séculos teria sido viúva de companheiras, deve ter em seus seio abundantes provas de numerosa população e cultura.

Pelas encostas das serras dos Apalaches, perambularam indígenas dessa denominação. Estes indígenas não tiveram grande nomeada; não terão perlustado grandes extensões e parece que sua duração ou antes, a duração de sua denominação, não foi longa.

Possivelmente andaram pelo norte, outros grupos indígenas sem significação notável, dispersos de suas tabas.

Quando da invasões dos conquistadores, estariam os Astecas em pleno domínio de vasta zona, e Toltecas com sua influência em declínio pela absorção por Astecas que haviam atingido a supremacia que a violência dos Espanhóis não tardou em suplantar.

Teria sido assim a etnologia indígena: Quando surgiam denominações de novos grupos, o desaparecimento de outro era fatal. Porém, os Toltecas teriam ainda respeitável influência e mais estável que a dos Chichimcas, denominação cuja procedência não conhecemos e que, parece mais um apelido deprimente de determinado agrupamento, de que permanente qualificativo de agregado digno de conceito. Entretanto alguns historiadores apresentam-nos como agrupamentos étnicos de nota; mas, qual a origem, o porquê dessa denominação?

Tiveram alguma duração e certa nomeada estes Chichimecas que, embora isso, a mesma sorte de outros seus compatriotas, os atirou ao olvido, à vala comum, ao esquecimento, e isto sem que tivessem longo tempo de evidência.

Nas terras brasileiras, em larga extensão da costa marítima, não pequeno número de tribos tinham suas tabas. Dentre estes indígenas, muitos eram acessíveis ao trato com estranhos, com os quais permutavam produtos.

Outros conjuntos refratários, eram hostís ou fugiam.

Desde o começo da entrada de estranhos, algumas tribos se iam acostumando, se adaptando aos alienígenas; outras se afastavam desconfiadas. Onde Ramalho e Caramuru tivessem ascendência, os selvagens eram suscetíveis de aproximação. Eram dóceis os habitantes dessas zonas. Mas, quando dirigiam suas incursões para o interior, os descobridores encontraram, as vezes, oposição tenaz, outras vezes fácil aproximação. Então, parecia entrarem em zonas já taladas por alienígenas já conhecedores dos costumes indígenas, sabendo, por isso, atraí-los.

Nesses territórios predominavam – Tupis e Guaranis que constituíam a maioria.

Menos afeiçoados a invasores eram – Jurunas, Manisaus, Mandurucus e outros, havendo entre eles leves diferenças dialetais. Desde a Terra do Fogo até o extremo norte, perlostraram infinidade de índios de diversas denominações, sem, contudo, constituírem diferenças de raças, pois, os indígenas americanos procedem da Atlântida e seriam todos mongóes, única raça que terá predominado por seu vultoso número, durante longos séculos.

Mestiçagem notável na América, só começaria depois de 1490, a partir das primeiras incursões de alienígenas.

As centenas de denominações que assinalam grupos, tribos, tabas, etc, não significam raças diferentes: Constituem designações de

grupos da mesma estirpe, diferenciados por títulos que indicam localidades, recantos, conjuntos, dissidências, lugares de ocupação, etc.

Jamais essa multidão de nomes diferentes, significam diferenciações de raças, mas, significariam dissociações de grupos, localidades, etc.

Dessa multidão de denominações, os Tupis – Guaranis são ainda numerosos, principalmente no Paraguai.

Afinal, os povoadores da América, até antes da conquista, teriam a sua multidão de dialetos ligados ao idioma que falavam na Atlântida quando derrocada a atingiu.

Esse idioma seria o da Ásia nesse tempo, e depois com modificações dialetais devidas ao meio, como todas as línguas, se foram modificando.

Voltemos às mil denominações que separavam as diferentes tribos, tabas, grupos e multidão de diferenciações que assinalavam esse grupos humanos. Além dos já citados, tiveram sua atualidade – os Gês, Nuaruaks, que se estendiam desde Xingu até os Andes, e do Paraguai ao Amazonas, além de Caribas, Guaicurus, Nahuques, Bakarís, Carijós, Goitacazes e infinidade de outros sem diferenciações étnicas, pois, toda a população americana até antes da conquista era, sem contestação – mongólica – que, assim como na Ásia principalmente, constituem a primeira raça humana.

Outras raças – branca e negra vieram à luz depois, muito depois da mongólica que foi única na Atlântida e sul da Ásia, como nas orlas orientais do Mediterrâneo.

Civilização? ...

A civilização Maia a que diversos escritores atribuem supremacia na América, não passa de ficção, quanto a esses indígenas ou a quaisquer outras tribos de infelizes vítimas da catástrofe Atlântida.

Os monumentos ao sol ou ainda fossilizados, existentes em toda a América, desde a Terra do Fogo até ao extremo norte e, certamente em toda a Oceania, como é testemunha a ilha da Páscoa, são demonstração da alta civilização da Atlântida.

Vê-se pois, que o continente submerso, quando no sul da Ásia, espargia civilização desde seu território e sul da Ásia Menor até o Cáucaso. Já aí, conjugou-se com a raça branca, por ventura já nesses lugares ao sol, mas, surgida muito depois da mongólica.

A civilização Atlântida não teve continuidade em suas terras salvas da debandada, tal teria sido fúria da derrocada, que deixou obumbrada por largo tempo a população salva do cataclismo. O desanimo teria entorpecido o bastante para demolir todas as disposições do saber, do pensar, de qualquer ideia criadora...

Como caídos em profundo letargo, talvez apavorados, por ventura, pelo contínuo desabar de fragmentos salvos, talvez por isso tenham tido seus espíritos apavorados, inanizados, só pensando em viver... em viver somente.

Daí o abandono integral de quaisquer iniciativas, de quaisquer criações da inteligência adormecida e, na triste expectativa de perecerem de todo pelo contínuo desabar, aos poucos, o bloco em que, inquietos e assombrados viviam.

Daí o desleixo de tudo que não fosse o viver; daí o abandono integral de criações da inteligência adormecida; daí o ingresso absoluto no selvagismo.

Apenas os monumentos – dolorosa recordação da grandeza passada morta, ficariam desafiando o Tempo e dando atestado da primeira civilização.

Na Atlântida primeira terra que surgiu das águas onde esfacelou-se para atirar seus destroços – Oceania ao sul da Ásia – no Pacífico; e América ao oriente, cujos sobreviventes ficaram expostos a duras penas,

onde o completo embrutecimento que a situação impôs a seus descendentes.

Depois, muito depois, longe e indefinido tempo – Incas e Astecas em 1118, por inspiração divina ou por terem encontrado o caminho que os tenha levado ao conhecimento da ressurgida civilização, depois, tiveram-na em feliz desenvolvimento durante séculos, quando bárbaros da Europa – Pizarro e Cortés devastaram as prósperas, humanas e fraternais criações da ressurgida Era de Progresso e Ordem que Incas e Astecas construíam.

- E, como os pseudos civilizados europeus entraram na América?

- Matando, roubando, destruindo, martirizando!...

E a civilização ressurgida por Incas no Peru e Astecas no México foi destruída, esfacelada barbaramente por esses desumanos conquistadores!

Nesses tempos nefastos, os elementos etnológicos, dispersos, ir-se-iam subordinando aos Incas no Peru, cujo governo era no empenho de congregar a multidão de tribos espalhadas por toda a América.

Por sua vez, o México era no mesmo empenho quanto a América Central ao oriente, e outros agrupamentos.

Esses esforços inspirados pelo sentimento de fraternidade, eram em plena atividade quando a fúria conquistadora de Pizarro e Cortés, invadiu terras americanas, não para trazer a civilização e fraternidade, mas para destruir, roubar, trucidar.

Até então, predominava nos Impérios – Incaico e Asteca, o espírito de confraternização procurando – México e Peru, congregar a multidão de tribos desordenadas que perambulavam por toda a América, desde a Terra do Fogo ao extremo norte, pois, desde ali, Patagônia, Costas do Pacífico, como nas Costas do Atlântico existem demonstrações de civilização, o que prova que o continente atlântico estava vastamente povoado, donde a

grande expansão de sua população, já estendida pela África, Ásia Menor, Costas orientais de Mediterrâneo, Índia e toda a Ásia.

Em toda a América tem sido encontrados fósseis arqueológicos de toda espécie que justificam o que temos afirmado desde nosso livro – “A Atlântida”.

Nos temos estendido demasiado sobre assunto de outro livro “Civilização Atlântida”, voltemos pois, ao tema principal deste de que aqui tratamos “Aborígenes Pan-americanos”.

Continuemos a tratar destes nossos antepassados, dando notícias sobre tribos que ocuparam o Brasil, das quais além de outros, temos os ferozes Chavantes e outros semi-domesticados.

Arredias, fora estes, uma ou outra haverá nos sertões do Amazonas, em ínvias serranias, onde afoitos viajantes não tenham chegado.

Entre o grande número de indígenas que povoam o Brasil, uns errantes, outros estáveis em tribos ou tabas fixas; outros em agrupamentos pelas costas marítimas e pelo interior dos sertões; uns mantendo relações entre si; outros entre si esquivos e inimigos, hostilizando-se continuamente.

Infinidade de denominações ou separam como se fossem de raças diferentes.

Entre os errantes como entre os estáveis havia Tapuais para o norte, pois que, àqueles predominavam no sul, onde tinham suas tabas e numerosos agrupamentos.

Historiadores, quanto à língua atribuem aos indígenas americanos, talvez mais de cem idiomas que, como muitos escritores, julgamos apenas dialetos provindos da mesma fonte – Atlântida – fraudada pela decorrência de longo e indefinido tempo depois da catástrofe.

Eram numerosas as diferentes denominações que assinalavam agrupamentos de indígenas que palmilhavam extensas terras americanas.

Pelo norte do Brasil, litoral e interior, pululavam indígenas de mil denominações, como: Gaguezes, Timbiras, Geicos, Guenazes e multidão de outros apelidos.

Estas denominações não tinham significação étnica, pois, continuamos a afirmar que todos os índios da América, como o próprio solo americano procedem da Atlântida.

Em nosso livro “A Atlântida” dissertamos longamente sobre a origem deste continente, como da Oceania e respetivas populações. Igualmente afirmamos que a raça humana teve seu berço nesse lendário continente.

Passemos a outros países da América: Peru, México, América Central; extremo sul: Patagônia, Chile etc.

No Peru, quando começou a fatídica entrada de Pizarro, a civilização incaica era em atividade, reunindo compatriotas ao Império, cujo fim humanitário era em plena e frutuosa atividade, chamando à civilização, já em largo desenvolvimento, os indígenas ainda dispersos. Multidão destes já avolumavam o Império Incaico.

Como em toda América, as denominações eram numerosas, sem significarem raças diferentes: O que separava os agrupamentos indígenas era o espaço e conseqüente diferença de dialetos, como por vezes temos repetido; embora da mesma procedência, eram dispersos por vastas serras.

Como os Incas no Peru, os Astecas no México empenhavam-se na campanha civilizadora, também com intuito de congregiar compatriotas que a catástrofe Atlântida atirára na amplidão das serras.

Insidiosa perseguição dos conquistadores veio destruir o belo esforço de Incas e de Astecas.

Violenta e feroz ação daqueles conquistadores, ruiu a prosperidade dos dois adiantados Impérios ameríndios.

Dessa brutal perseguição adveio a completa dispersão dos que puderam fugir à dolorosa carnagem dos desalmados Pizarro e Cortés que desenvolveram, pela infâmia, hipocrisia, traição e ferocidade, de sangue frio, ação igual à que praticavam bárbaros somente quando na observância de seus desumanos ritos; Pizarro e Cortés o fizeram levados por sua ferocidade nativa, friamente, hipocritamente. Assim trucidaram Montezuma no México e Guatimozin no Peru.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br

